O VIMARANENSE

JORNAL POLITICO E NOTICIOSO.

Administrador, Antonio Vieira Correa da Cunha.

N.º 671 — SEXTA-FEIRA, 24 DE FEVEREIRO DE 1871 — IX ANNO

GUIMARÃES, 23 DE FEVEREIRO

O partido e os deputados reformistas

Assim como o governo, o partido reformista está passando por uma crise que lhe póde ser fatal.

Se o partido reformista é destinado a marcar na nossa historia, a assignalar-se em uma duradoura existencia a queda do poder retemporal-o-ha, as suas doutrinas amadurecerão, os seus meios de acção hão-de tomar mais efficacia; e por uma opposição energica e bem conduzida se abrirá caminho a futuras victorias e se preparará a dar ao paiz uma administração estavel e productiva.

Se foi apenas um meteoro passageiro, nascido de uma excitação popular, os seus membros dispersos dissipar-se-hão absorvendo-se nos outros grupos politicos.

Os representantes officiaes do partido são, é fora de duvida, os actuaes deputados reformistas. E' portanto o seu proceder que naturalmente primeiro chama a attenção.

Ora, segundo noticias de Lisboa, os animos d'elles parecem tão pouco hostis ao governo, que a idéa da dissolução está quasi desvanecida.

Concordaram effectivamente não fazer opposição ao ministerio em pontos de fazenda e de administração.

E' uma formula que está demasiado na moda e que por sua elasticidade se presta a todas as significações que lhe quizerem dar.

Pretextam que na urgencia de remedios ao lastimoso estado do nosso thesouro, o patriotismo aconselha que se sacrifiquem os interesses partidarios ao bem commum.

Ha aqui um sophisma.

Se um grupo de homens faz opposição ao outro no parlamento é porque abraça doutrinas differentes em finanças e em administração, e por mais instantes que sejam os males que soffre o paiz não pode appoiar idéas contrarias ás suas, que julga melhores.

Se o governo propõe uma medida ao deputado, que, baseando-se n'outros principios, descobre uma medida differente que reputa preferivel, cumpre apresental-a, combatendo a dos ministros; se é regeitada, satisfaz ao seu dever; se triumpha e o governo cahe, tanto melhor. Não é uma ambição pessoal, que o guia, nem mesmo um desejo de vã gloria; para elle a victoria das suas idéas é a victoria da razão; os interesses do seu partido confundem-se com os interesses da nação.

Fóra das questões de fazenda e de administração só ha as questões chamadas politicas, as quaes na maior parte se reduzem a questões de vaidade e de um formalismo vão e cuja importancia orça pela das questões de etiqueta das antigas côrtes.

Todas essas condescendencias sabem o que significam?—auzencia de principios, ou de idéas governativas.

Não se oppõem aos planos do governo, porque não tem outros para os substituir.

No caso presente as presumpções contra os deputados reformistas são ainda mais em desabono delles.

O sr. bispo de Vizeu viu que repudiár o sr. Saraiva de Carvalho era acceitar a dominação do sr. Avila e desvirtuar o partido reformista, e recusou-se a todas as instancias que lhe fizeram para se conservar no poder. Os deputados a quem nada foi offerecido, repellindo toda a conciliação com o governo, fazem lembrar a rapoza da fabula; e mostrando-se tão tractaveis logo depois do rompimento, deixam muito a pensar no que serão para o futuro. O acto de energia partiu todo dos srs. Alves Martins e Saraiva de Carvalho; os deputados só revelaram tibieza, senão fraqueza. O medo da dissolução foi o que sobre toda e qualquer outra influencia actuou mais poderosamente sobre elles.

Ora o deputado conscio de possuir a confiança dos seus eleitores não se amedronta com a idéa da dissolução.

Noutro artigo já dissemos o que lhe cumpria fazer. Appresentar-se perante os seus constituintes, explicar-lhes o seu procedimento na camara, perguntar-lhes se ainda se conserva digno de os representar.

Com essas explicações, com essas perguntas não se rebaixa, exalta-se.

Uma tal deferencia para com os seus eleitores é um rigoroso dever para todo aquelle que respeita o dogma sagrado da soberania popular. Uma camara adiada e ameaçada de ser dissolvida que se desleixa desse dever, justifica só com isso a sua futura dissolução. E com effeito porque é que não se dirigem aos seus eleitores os deputados? A razão é simples, é porque não pensam nelles; muitos não os conhecem. Foram amigos; foram clubs que lhes promoveram a eleição por meio de artimanhas, que nem sempre surtem bom effeito, e eis o motivo porque temem a dissolução da camara. Quanto ao ao suffragio popular, á validade moral do mandato que delle receberam, bagatellas. Acceitaram o diploma não por lhes ser offerecido pelo povo, mas porque julgaram merecel-o pela sua illustração e pelo seu talento. Temos direito a um assento no parlamento, porque podemos prestar relevantes serviços ao nosso paiz, dizem elles: o povo votou em nós porque lhe indicaram os nossos nomes, mas era incapaz de nos apreciar.

Os homens que pensam assim serão reformistas mas não são por certo democratas; e o partido que hoje se intitula de reformista é por essencia democratico, porque nasceu nas praças, nos comicios populares e não póde renegar a sua origem.

Bem sabemos que as reuniões do povo, vistas de perto, não são aprazíveis; suffoca-se em uma atmosphera de falsidade e fingimentos; impro-

---

FOLHETIM

O MONGE DE KREMESMUNSTER

POR

AFFONSO KARR

(TRADUCÇÃO)

I

Perto de Lintz, na Suissa austriaca, ha um rico convento de Bernardos, chamado Kremesmunster. Foi fundado este convento por um principe bavaro a quem um javalí matou um filho. Um baixo relevo de execução mediocre consagra a memoria do accidente. Tanto espaço reservou o artista para o seu heroe, que quasi que não deixou logar para o vencedor, e reduziu-o a uma especie de porco de leite.

O convento está cercado de um fosso largo, no qual se pescam os melhores peixes do paiz. Criam por ahi muitos patos selvagens e cobrem o lago com a sua prole. Toda aquella região pertence aos; padres paiz de bella caça, se não for defesa.

Haverá dez ou doze annos que eu saía do convento onde fora visitar um dos frades, sabio horticultor que possue uma collecção de cravos dos mais bellos e mais ricos que existem na Europa; vi a pouca distancia quatro creanças vestidas de preto, quatro meninas, e pareceu-me que a mais velha tinha dose annos. Acompanhava-as uma criada, e conservavam-se perto de um tumulo construido ha pouco tempo, porque era o unico de todos os que ahi havia, que ainda não estava coberto de herva.

O sino dos Bernardos tocou á oração da tarde, e as quatro meninas poseram-se de joelhos; todas quatro juntas curvando as cabeças louras pronunciaram com voz infantina a oração dos mortos:

Grosser Gott! erbarmedich der lieben Ver blicheuen etc. «Grande Deus! compadece-te dos nossos caros mortos» etc.

Tirei o chapeu e repeti a oração com elles: Depois, tendo-se levantado, interroguei a creada. As pobres meninas tinham perdido a mãe que fallecera de uma molestia de peito havia um mez; e o pae, que viajava então, ainda não sabia da sorte da mulher que idolatrava. Beijei essas lindas creanças e deixei-as internecido com a impressão de tristeza que assistia naquellas phisionomias frescas e rosadas. Todas quatro erão bonitas, embora podesse dizer-se que se não pareciam, qualquer poderia tel-as por irmãs entre muitas.

Decorreram oito annos. O acazo levou-me á Suissa austriaca, e dei-me pressa de ir ver o monge e os seus cravos.

Estava o mesmo homem, só por entre o espesso cabello lhe appareciam algumas brancas; os seus alegretes estavam-se cobrindo de variedades raras e preciosas. Era no mez de julho, e os cravos estavam completamente abertos. O monge era o mais feliz dos homens.

—Veja, meu amigo, disia-me elle, que alegre verdura e que preciosas petelas de estofo tão precioso, que a purpura dos reis não é nada ao pé destas roupas, cujas cores são mais suaves e mais ricas do que as das pedras preciosas. Tudo isto estava encerrado n'uma sementinha preta quasi impalpavel. Certamente, meu amigo, quem planta e quem rega trabalha inutilmente, se Deus, por sua santa benção, não faz crescer e não torna proveitoso o que se cultiva.

Entre as acquisições novas do monge havia dois bellos cravos que ainda não tinham nome; tinham ambos o fundo branco, um matizado de amarello-alaranjado, o outro coberto de pontos cor de purpura quasi preta.

—Meu amigo, disse-me o monge, já que aqui está, tomará parte no meu recreio, hei-de pôr o nome a um destes cravos e o meu amigo pol-o-ha ao outro. Não ha modo mais interessante de fixar um pensamento ou uma recordação.

Ao meu hei-de por-lhe o nome do meu santo patrono, levando tambem em conta as linhas douradas que elle tem, *Aureola de san' João.*

Que nome ha-de dar ao seu?

—Meu caro padre, lhe disse, deixe-

visam-se reputações incriveis, populares, repugnantes, levantam muito lôdo, muita poeira e dão pouca luz. São porem condição essencial do regimen democratico.

O representante do povo deve estar constantemente em tracto intimo com os seus constituintes, aconselhar-se com elles, pedir-lhes todos os esclarecimentos indispensaveis para bem preencher a sua missão; participar-lhes todas as suas duvidas e hesitações. Desde que se esquece do povo perde o poder que delle recebeu; e os deputados na presente conjunctura deixando de appellar para o povo mostraram que elle lhes não merece a attenção.

(Continua)

P. Amorim Vianna

NOTICIARIO

Baile — Na segunda-feira houve em casa do nosso amigo Luiz Cardozo um esplendido baile *masquè*.

O noticiarista, ainda atordoado com as impressões d'aquella noite, deslembrado pelas magicas visões que lhe passam e repassam nos sallões da phantasia, como passavam e repassavam pelos sallões do palacete do nosso amigo, declara-se incapaz de dar ao leitor uma ligeira idéa do que lá viu.

Os paizes mais remotos, os seculos mais distanciados uns dos outros, mandaram seus representantes a esta festa, que não deixou nada a desejar.

O salteador da Calabria, o bravo do Oriente, ainda cançado de combater pela França, o inquieto filho da Hellada, o *dandy* do seculo passado, o pagem enamorado, ou á procura d'amores etc. etc. etc. encontravam-se com a filha do Touran, a marechalla, a rica-dona, a vivandeira, a filha ardente do deserto, e etc. etc. e, aos primeiros preludios da orchestra, tudo aquillo se casara e entrava a redemoinhar na vertigem d'uma walça, n'um turbulhão phantastico, em que o ouro, a prata, a seda de mil côres, os cabellos soltos, os olhos fascinadores vos cegavam a vista, vos estonteavam o cerebro, e vos faziam perguntar-se, em vez do Madeira ou do 15, vos tinham servido a beberagem do Velho da Montanha.

E' impossivel a um noticiarista, que de pouco mais pode dispor que de tres magras tiras de papel, é impossivel descer a particularisar os *costumes* e *toilettes* das 60 senhoras, que ali se reuniram.

Mas os deveres da boa hospedagem justificam a excepção que vamos fazer a respeito da ex.ma viscondessa de Pindella e sua interessante filha, D. Ernestina Freire, D. Guiomar, Francisca, Anna e Joaquina Noronhas, com que Braga veio abrilhantar os sallões da sua *visinha Cremona*.

D. Gracia Pindella trajava um vestido de seda branca, primorosamente bordado a prata, um desses vestidos de 400 mil réis, que com as camisas de 200 faziam o desespero do P. Manuel Bernardes. Com a riqueza do seu *costume* apenas rivalisava a graça da sua physionomia.

D. Enertina Freire retratava-nos ao vivo, pela severidade do seu vestuario e a magestade do seu porte, uma das elegantes do bom velho tempo, por quem os nossos avós suspiravam 6 e 7 annos em centurias de sonetos, sem se cançarem das esquivanças da ingrata Marfila, nem das da rima, ás vezes ainda mais ingrata.

O brilhante *costume* de phantasia de D. Joaquina de Noronha ia admiravelmente áquella indole inquieta e apaixonadamente expansiva. O chicotinho travesso.....

Estas reticencias não contem mysterios. Significam apenas que está a acabar o espaço de que dispomos.

O baile findou ás 6 horas e meia e dos 200 convidados não houve de certo um que não repetisse á sahida:

.....tão pequena
Foi a noite desta vez!

Soirée—O sr. Francisco Martins de Gouveia Moraes Sarmento abrio no sabbado passado as salas da sua admiravel casa ás pessoas da sua intimidade com uma explendida soirée, que durou até perto das 4 horas da madrugada.

Vejam e meditem—Com esta epigraphe narra-nos um anonymo na «Religião e Patria» de 18 um facto extraordinario, promettendo alviçaras a quem lhe descobrir a falsidade.

E' o caso que, tendo certo parizíense perdido a vista, um seu amigo protestante lhe aconselhou que lavasse os olhos com a agua de Nossa Senhora de Lowrdes.

O doente, diz o anonymo, tinha perdido a esperança de curar-se; tinha ao mesmo tempo fé, mas não se resolvia a mandar pela agua, porque tem fragilidades, teme a responsabilidade d'uma graça tão especial, teme a obrigação d'emendar a sua vida e fazer-se santo, e recusa-se á graça de Deus!

Realmente este homem que se recusa á graça de Deus e não se resolve a recuperar a vista pelo medo de se fazer santo é um typo extraordinarissimo, com que o chronista, em que se nos figura sujeito pouco vulgar, deve engraçar extremamente.

Porque è de notar que toda esta historia, que remata pela cura do parisiense, parece ser trazida para «servir de resposta á duvida e observação do *Vimaranense* ácerca do caracter do rei prussiano, como protestante!!»

Sempre desejaramos saber o que tem o caracter do Rei prussiano com a agua da Senhora de Lonwrdes?!

A Sentinella fará eschola?

Nomeações mal recebidas —Le-se no «Primeiro de Janeiro»:

«Alguns influentes dos diversos districtos, que se acham em Lisboa, e cartas das diversas localidades não dão mostras de satisfação, principalmente ácerca das nomeações dos governadores civis de Braga, Guarda, Vianna e Bragança».

Quanto ao de Braga, a nomeação era prevista. Para governador civil d'entrudo a escolha foi admiravel!

Baile de mascaras—O do theatro de D. Affonso Henriques de domingo esteve pouco concorrido. Na terça feira affluio mais gente, não só ao theatro, como ao salão de S. Francisco, dançando-se em ambas as partes animadamente atè altas horas da noite.

A questão da oliveira—Vamos publicar o documento do cabido a que na sexta-feira passada alludimos, acompanhando-o, quando o entendermos necessario, com alguma glosa que não destoe da gravidade do texto.

«SENHOR—A Camara de Guimarães invoca a utilidade publica para expropriar a oliveira e sua cercadura, que existe defronte do Padrão de Nossa Senhora da Victoria e fachada do templo de Nossa Senhora da Oliveira. Mas não ha utilidade publica na expropriação. O que ha é utilidade particular de um ou dois individuos, um dos quaes é o proprio Presidente da Camara, que protestaram acabar com a oliveira e sua cercadura, sem ter motivo algum justo para isso».

Se nos não enganamos, temos a honra d'apanhar em flagrante delicto de trapaçaria o muito reverendo cabido.

Aqui está o que em dezembro do anno passado o muito reverendo cabido respondia á camara que lhe propunha a remoção da oliveira:

«A resposta do reverendo cabido á novissima insistencia de v. ex.ª a tal respeito è a mesma que tem dado a todos os exm.os presidentes municipaes que sobre o mesmo objecto tem feito propostas identicas»

A 28 de fevereiro do anno passado escrevia o mesmo reverendo cabido:

«Estas queixas (de que a cercadura da oliveira embaraçava o transito) partem, ha pouco, *d'alguns poucos* individuos etc».

Ora, sendo 5 os ex.mos presidentes municipaes que teem proposto ao reverendo cabido a remoção da oliveira todos estes tres textos fazem um *charivari* insuportavel para o ouvido menos melindroso. Vae pelo menos em 10 annos que as vereações fazem propostas ao cabido, e elle diz que só ha pouco è que se levantaram queixas contra o socalco! Estas queixas partem d'alguns poucos individuos, quando 5 vereações prefazem a somma já crescida de 35 individuos! Quatro ex.mos presidentes, sem contar o actual, teem feito propostas para a remoção da arvore, e é para utilidade particular do actual presidente que se fez a proposta! Os *alguns poucos* individuos do anno passado são hoje um ou dois. Um è o presidente da camara, e o segundo é de certo o sr. barão de Pombeiro, e, como um e outro são hoje victimas da lingoa viperina do sr. José Barbosa da Costa Lemos vemos n'is-

---

mos decorrer algum tempo, que talvez que eu lhe possa ligar uma bella lembrança; talvez que, de cada vez que este cravo florir, tenha eu de dirigir ao céu sinceras acções de graças; hei-de dar-lhe o nome de uma data, e se ha alguma cousa estavel e real nas esperanças humanas, se a flôr da amendoeira é uma garantia do fructo, hei-de chamar-lhe *Primeiro de Desembro*.—E bem frio para o meu pobre cravo, disse o monge sorrindo.—Meu padre, disse-lhe eu, nem sempre è o sol do estio que aquece o coração, o dia mais cerrado tem seu sol para o coração do homem feliz.

Quando saía do convento, ao declinar do dia, tocou o sino á oração da tarde, e ouvi pronunciar:

Grosser Gott! erbarmedich der lieben Verblichenen. «Grande Deus! compadece-te dos nossos caros mortos.»

Voltei-me para traz, e vi duas meninas vestidas de preto ajoelhadas ao pé de um tumulo; uma creada, em mais de meia idade, estava por de traz dellas a alguma distancia.

Aproximei-me, descubri-me e disse com ellas:

«Grande Deus! compadece-te dos nossos caros mortos.»

Saudaram-me com uma graciosa inclinação de cabeça em signal de agradecimento, e partiram.

Esperei que desapparecessem, e fui ler a inscripção gravada na pedra; dizia assim:

Uma mãe!

Um pae!

Dois filhos!...

Fui ter com as duas meninas. A vista do tumulo despertara-me uma recordação.

Havia oito annos vira eu ahi quatro creancinhas vestidas de preto ao pè d'aquelle mesmo tumulo.

Não me enganava.

—Senhor, disse-me a mais nova das duas, das quatro creanças estão já quatro dentro d'esse tumulo; as outras duas, acabaes de as ouvir orar.

E as duas irmãs olharam-se furtivamente; cada uma d'ellas receava ver no rosto da outra os symptomas da molestia que devia seifar toda esta familia.

—Felizmente, disse a mais nova, minha irmã passa bem.

—Felizmente, disse a mais velha. Marthalena está mais córada e fresca que qualquer outra menina.

Passados alguns dias, quando eu estava tomando leite em casa de uma velha, entrou Marthalena acompanhada pela creada. Quando a vi sem a irmã, senti um frio mortal apoderar-se de mim. Meu Deus! disse comigo, estará já só?

Soceguei logo; ao contrario, não tinha nova perda que deplorar, tinha-lhe passado o tempo de luto, e vinha vestida de branco. Não vinha acompanhada pela irmã, porque, de tarde, tinha a seu cargo as voltas da casa. Pelo que respeita Marthalena, havia algum tempo que lhe tinham ordenado que tomasse leites, e obedecia de boa vontade á prescripção que lhe dava o pretexto e a occasião de passear á mais bella hora do dia, ao pôr do sol.

Vinhamos um e outro todos os dias a casa da velha; saudava-me com um sorrir amigo, e parecia contente de me ver.

Sentia por ella viva amisade, acompanhada de um sentimento indefinivel de tristeza. No espaço de um mez as faces tinham-se-lhe cavado um pouco. As frescas cores que ella tinha íam-se substituindo por outras mais duras e mais sombrias. Empenhava-me em proporcionar-lhe algum entretimento, contando lhe alguma cousa, e empregando todos os meios que eu podia imaginar. Queria acumular alguns prazeres no curto espaço de tempo que ella podia talvez viver. Depois deixei-me tomar de uma idéa que era uma tolice rematada: imaginava eu que seria ridiculo aos olhos de todo o mundo e aos da propria Marthalena, que um homem tão novo como eu passasse todos os dias no campo, só, com uma mulher nova e bonita, sem lhe fazer a côrte; e tanto que lhe fiz um dia a declaração d'amor em *logares communs*. Pareceu-me que a assustára e que n'aquelle estado de sobresalto havia um tanto de tristeza; baixou os olhos, pensou um momento, e disse:

(Conclusão no proximo n.º)

P.

to a confirmação da noticia que nos indicou o fallaz advogado, como racunhador do documento que estamos analysando.

Esta circumstancia torna a cousa mais burlesca, porque o snr. Costa Lemos era então vereador, ainda que *in partibus infidelium*.

Voltemos á farragem.

«Tentaram primeiro acabar com ella por meios arbitrarios e despoticos, começando a derribar a cercadura na noite de 8 para 9 de fevereiro de 1870. Mas esta illicita tentativa ficou frustrada, porque os malfeitores que andavão demolindo a cercadura para depois cortarem a oliveira, foram surprehendidos e tiveram de fugir a toda a pressa para escaparem ao povo que tendo em grande veneração a oliveira se propunha a fazer-lhes justiça por suas proprias mãos».

Este naco d'historia não concorda bem com o que sobre o mesmo assumpto escreveu no anno passado o mesmo reverendo cabido:

«Finalmente—dizia elle ao governador civil—em a noite de 8 para 9 do corrente mez houve quem tentou destruir o polygono, e o destruiu em grande parte, não levando ao fim o resultado da sua maldade, porque por acaso, começou a tocar na torre á agonia, a cujo toque os malfeitores fugiram espavoridos».

O que em ambos os textos se vê é que os malfeitores deram ás trancas. Muito bem; mas fugiram por medo da sineta, ou por medo do povo? O ponto é importante, porque sendo, como se diz, o enorme attentado praticado ás 2 horas da noite, ha-de causar seu espanto em Lisboa que a taes deshoras ainda estivesse a pè o bom povo vimaranense, que lá suppõem de certo que se deita ao recolher das gallinhas!

Tambem não deixam de recommendar-se as minuciosidades microscopicas com que o reverendo cabido conta os factos. Como saberá o reverendissimo que os malfeitores queriam cortar a oliveira? Dir-se-hia que algum dos seus membros assistiu áquella obra d'iniquidade, para estar tão miudamente informado.

«Seguiu-se depois a reconstrucção na cercadura, mas quando esta se andava principiando veio a Camara embargar, e esta questão está affecta ao poder judicial.—Vendo a Camara ou antes o seu Presidente que lhe falhara a tentativa illicita de que lançara mão, e que não pode ter melhor sorte na acção, que se acha pendente, recorre agora à expropriação».

Pelo menos o cabido è catbegorico. A camara recorre á expropriação, porque vio que não pode ter melhor sorte na acção. E' isto e não outra cousa. Não se diga que se recorre á expropriação porque esta espada corta mais rapidamente a questão. O reverendo cabido não dá licença que se pense semilhante extravagancia.

«Diz que a oliveira è um obstaculo ao transito, mas falta-se aqui á verdade porque de um e de outro lado d'ella ha um espaço sufficiente para o transito tanto a pé como em carros, e com effeito existindo sempre alli a oliveira desde a mais remota antiguidade e tanto que deo origem á invocação da sagrada imagem da Senhora, que no templo se venera á do mesmo templo, á corporação do Cabido e á praça em que está situada, nunca ninguem se queixou de que obstasse ao transito publico».

Tres pontos ha a considerar. 1.º: todas as 5 vereações, que teem pedido a remoção da oliveira, mentiram. O reverendo cabido não tem papas na lingoa, elle, ou o doutor que lhe minutou o arrazoado. Ha-de ser o doutor. 2.º: desde a mais remota antiguidade, passaram sempre ao lado do socalco as liteiras e chorriões dos nossos maiores e ninguem se queixou. A razão é de respeito. 3.º: o titulo da Senhora veio-lhe da oliveira do socalco. Como a questão é de teima, teimemos tambem, reproduzindo pela terceira vez o extracto do Livro dos Milagres:

«...porem o mais certo é tel-o tomado (o titulo de Senhora da Oliveira) do sitio onde esteve enterrada».

Quem falla verdade? é o cabido d'hoje, ou o Livro dos Milagres?

«Senhor. Na representação da Camara quer-se fazer ver que existia oliveira na praça do mesmo nome só ha 46 annos, mas è certo que ha muitos seculos alli tem existido sempre».

Na representação da camara não se quiz fazer ver que só ha 46 annos que existe oliveira na praça, mas que a oliveira, cuja expropriação se pede, foi plantada ha 46 annos, e que por isso não tem o menor valor historico.

O documento, que vamos transcrevendo, confirma isto mesmo dizendo:

«Do documento que vae junto datado de 1662 ver-se-ha que já n aquella epocha existia alli *uma grande* e levantada *oliveira socalcada de pedra* ao redor para sua segurança, guarda e conservação.»

E' isso mesmo. A oliveira actual não é a grande, a levantada oliveira. E' uma oliveira moderniça. D'onde lhe vem o valor historico?

Cá está elle.

«E a actual é uma estaca d aquella primitiva e monumental oliveira».

Outra vez a patranha do conego! aggravada com um desmentido impudente nas barbas honradas do Gorpilhães!

Ouçam isto:

«Custa pois acrêr que a camara ou antes o seu Presidente se atreva a dizer que a actual oliveira não tem o menor valôr historico. Pelo contrario deve ella considerar-se como um monomento».

O que custa a crer è como uma corporação religiosa zomba tão charramente do publico e do governo a quem esse papel é dirigido. O valor historico da oliveira da praça pode ser inculcado como ponto de fé ao enxota-cães da Collegiada. Ficava tudo em casa. Pôr a intelligencia do publico e do governo ao nivel da do enxota-cães parece-nos ultrapassar as raias de....extravagancia.

Mais:

«E assim como se costumam e se estão levantando modernamente monumentos nas praças das principaes cidades do reino, porque se não ha-de conservar o de que se tracta?»

Se este argumento é sem-sabor, aqui temos cousa melhor:

«Senhor: O Cabido da Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira póde assegurar a Vossa Magestade que o publico muito ha de sentir se vir arrancar d'ali a oliveira que a Camara quer expropriar. E tal a veneração por ella que as pessoas da cidade e seus suburbios e atè d outros concelhos que quando vão para o Brazil cortam um ramo da oliveira e levam-n o comsigo, e no dia 15 d'agosto, dia em que se festeja Nossa Senhora, os mezarios e irmãos assistem à festa tendo cada um collocado sobre a ópa um ramo da sobredita oliveira».

São realmente de pezo estas razões. E a nós nunca nos occorrer a falta que fazia a oliveira ás opas dos mezarios e aos embarcadiços para o Brazil!!! Consola-nos porem a certeza de que a paixão destes devotos ha-de passar-lhes, logo que saibam que o reverendo cabido lhes mettia gato por lebre, impondo á sua veneração uma oliveira, cuja historia é feita com frandes e patranhas.

«Nestas circumstancias-continua o documento—arrancar a oliveira e obrigar alem d'isso o municipio á despeza da expropriação seria uma grande injustiça».

Aqui só ha a agradecer o zelo que tem a Collegiada pelo bolso do municipio.

Passemos adiante:

«Alem disto a camara quer fazer ver que o largo em que está a oliveira é do municipio que não é, mas do cabido»

Bravissimo! O reverendo cabido não sò disputa a oliveira e o socalco, mas dispõe-se a disputar a praça toda! E' pela muito alta generosidade do cabido que o povo põe o seu pé profano na praça da oliveira. Quando o reverendo cabido se lembrar de fechar a sua praça e utilisal-a no cultivo da b tata ou do feijão, vós, ó infelizes visinhos da Collegiada, tereis de sahir pelos quintaes, se os tendes, ou pelos telhados para irdes á vossa vida.

Vejamos o remate:

«mas se isto assim fosse a oliveira existiria alli por direito de servidão, e existindo por effeito deste direito não è admissivel a expropriação, porque na lei de 23 de julho de 1850 não ha disposição alguma que auctorise semelhantes expropriações e semdisposição explicita da lei a expropriação é um acto arbitrario como se diz na nota ao art.º 124 do Codigo Administrativo.—O Cabido da Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira espera pois que se não decrete a expropriação».

Se esta brilhante allegação tivesse começado de traz para diante podia ficar no primeiro argumento e poupar-nos á exibição das ratices que temos passado em revista. Com effeito, se é a lei que vem esgrimir a sua espada temivel a favor da oliveira, está tudo acabado. Que pode fazer a utilidade publica contra uma oliveira que está n'uma praça por direito de servidão?!

Se até hoje se tem expropriado muita cousa por utilidade publica, é porque por um acaso, mais miraculoso do que a propria oliveira, nunca se topou com objecto que existisse por direito de servidão. O direito de servidão é o talisman que afugenta as expropriações por utilidade publica, como a agua benta afugenta o mafarrico.

Está-nos a parecer que com esta descoberta de rabula está salva a causa da oliveira, se não vier outro rabula com outra descoberta que aniquile a primeira.

AGRADECIMENTOS

Barão de Pombeiro agradece cordialmente a todas as pessoas, que lhe fizerão o obsequio de o visitar durante o incommodo que ultimamente soffreu.

ANNUNCIOS

Arrematações municipaes

Faz-se publico que na quarta-feira 1.º de Março terão de arrematar-se:

O calcetamento da rua de D. João I—a feitura de um armario para a Conservatoria— e um concerto na casa da Cadea.

As condições estão patentes na secretaria municipal.

Por ordem da ill.ma camara

O escrivão,

Joaquim Cardozo de Freitas.

RAPÉ

Grande reducção de preços!

20 °/o aos consumidores!

Rapè fino e meio grosso do melhor em massos de 25 grammas 40 reis, em 50 grammas 80 reis, em 100 grammas 160 reis e em 250 grammas 400 reis!!!

Vinagrinho em massos de 25 grammas 45 reis, em 50 gr. 90 reis, em 100 gr. 180 reis e em 250, gr. rs. 450 reis!!!

Vende-se na livraria Internacional rua de S. Damazo, onde ha um deposito de tabacos de todas as fabricas.

Antonio do Couto Vinagreiro e c.ª faz publico, que desde o dia 1 de novembro em diante sahirá um carro para o Porto ás 6 horas da manhã, continuando a sahir tambem o carro da 1 hora da tarde.

Preços os do costume.

Os bilhetes vendem-se no escriptorio de José Joaquim de Lemos á Porta da Villa.

VINHO DA RIBEIRA DE VILLARIÇA

(PARA LIQUIDAÇÃO)

CAMPO DA FEIRA N.º 16

Vinho branco (quartilho) .	60
» tinto 1.ª » .	40
» » 2.ª » .	30
Vinho branco (almude) . .	2$300
» tinto » . .	1$500
» » » . .	1$250

Vende-se tambem na rua de D. João I em casa de Ignez Martins.

LA MODA ELEGANTE

PERIODICO DE SEÑORAS E SEÑORITAS

Esta revista de modas, que conta trinta annos d'existencia, publica-se em Madrid nos dias 6, 14, 22 e 30 de cada mez. Cada numero comprehende 8 paginas em folio grande, com 24 columnas de escolhida leitura e magnificos gravados, não só de modas, mas tambem proprias para trabalhar d'agulha, crochet, tapeçarias etc. etc., formando cada anno um magnifico volume com 1200 columnas, 2500 gravados, 48 figurinos illuminados a côres finas, grande numero de debuxos para tapetes, 24 grandes padrões, algumas peças de muzica etc. etc. o que o torna um album digno de occupar, por seus excessos, um logar distincto no gabinete das damas ellegantes.

Preços para Portugal pelo correio

1.ª edicção	2.ª edicção	3.ª edicção	4.ª edicção
1 anno 8$800	6$600	4$500	3$300
6 mezes 4$500	3$580	2$400	1$800
3 » 2$500	1$950	1$300	1$000

BRINDE

Quem assignar por um anno a primeira edicção, receberá gratis o *Almanak Encyclopedico espanol illustrado* para 1871, cuja tiragem è exclusivamente, para as subscriptoras **de La Moda Elegante.**

Assigna-se em Guimarães, na Livraria Internacional, rua de S. Damazo, onde se assigna tambem La Illustracion Espoñol y Americano.

CONTRA A TOSSE Xarope peitoral de James, unico legalmente authorisapo pelo conselho de saude, ensaiado e approvado nos hospitaes de Lisboa, onde se faz grande uso, como unico tratamente de molestias tossicolosas.

Deposito em Guimarães, na pharmacia de A. J. P. Martins.

CALDOS PEITORAES UTEIS no tratamento de todas as doenças, nas affecções caracteristicas de fraqueza geral e innação dos orgãos, augmentam consideravelmente as forças dos individuos debilitados, excitando o appetite d'um modo extraordinario.

Deposito em Guimarães, na pharmacia de A. J. P. Martins.

SABOARIA A VAPOR

EM REGO LAMEIRO--POTOR

DE

JOSÈ IGNACIO FERREIRA RORIZ

FORNECEDOR DA CASA REAL

Deposito central na rua das Flores n.os 55, 57 e 59

O proprietario annuncia aos seus freguezes, e ao publico, que em todo o sabão fabricado na sua Fabrica, e que na mesma se vender, ou no Deposito Central, se fará o desconto de 6 por cento sobre os preços estabelecidos, de uma caixa para cima. Satisfaz-se com promptidão qualquer pedido que seja feito do dito genero, tanto d'esta cidade como das Provincias, e se garante a sua boa qualidade.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS DE LINHO E ALGODÃO

DE

José Chrisostomo da Silva Basto & Irmãos

Com estabelecimento de tecidos de linho e algodão, previne os seus amigos e freguezes que mudou o seu estabelecimento para a rua dos Mercadores, esquina da rua Escura onde tem um bom surtido das seguintes fazendas, que vende por preços commodos, a saber:

Linhaem meada e em vovellos.
Dita e m maço para bordar e para em barque.
Cobertas de linho para camas.
Apparelhos bordados para camas.
Toalhas bordadas e de crivo.
Trabecciros bordados e de crivo, para camas e sofás.
Toalhas de todos os tamanhos para meza.
Guardanapos de todos os tamanhos.
Linha em caixas.
Pannos de linho desde 2, 3 de largura até duas varas.
Meias de linha para senhora.
Cothurnos de linha para homem, e todas as mais fazendas pertencente a estera mo de negocio.

Tem tembem fazendas de lã para vestidos, chitas, merino, pannos crús, cotins, algodões e diversas miudezas, tanto a retalho como por junto.

Tambem tem no seu estabelecimento tabacos das melhores qualidades.

PILULAS E UNGUENTO DE HOLLOWAY

PILULAS DE HOLLOWAY

Este remedio é universalmente reconhecido como o mais efficaz que se conhece no mundo. Não ha senão uma causa universal de todas as doenças, isto è, impureza do sangue, que é a fonte da vida. Esta impuza depressa se rectifica com o uso das Pilulas de Holloway, as quaes, obrando como depuradores do estomago e intestinos, por meio das suas propriedade balsamicas, purificam o sangue, dão tem e energia aos nervos e musculos, e enrijam todo o systema.

Ellas excedem qualquer outro remedio em regular a digestão. Operam da maneira a mais sadia e effectiva sobre o figado e rins, regulam as secreções, fortificam o systema nervoso, e enrijam todo o corpo humano. Mesmo aquellas pessoas de mais delicada constitutção podem, sem receio, experimentar os seus effeitos salutares e corroborantes, regulando as dóses conforme ás instituicção que se encontram nos livrinhos impressos em que cada caixa está enrolada.

UNGUENTO DE HOLLOWAY

A sciencia da medicina não produziu, atè hoje, remedio algum que possa ser comparado a este maravilhoso Unguento, que se assimelha tanto ao angue que, nas verdade, forma parte d'elle, e circulando com aquelle fluido vital, expelle toda a materia impura, sára e limpa todas as partes affectadas, e cura qualquer sorte de chagas e ulceras.

Este bem conhecido Unguento è infallivel na cura da Escrofula, Cancros, Tumores, Pernas chaguentas, Rigidez das Articulações, Rheumatismo, Gota, Nevralgia, Tic-doloroso, e Peralysia.

Amplas instrucções na lingua Portugueza vão juntas a cada pote e caixa.

Acham-se á venda, em caixas e potes, nas principaes boticas de todo o mundo, e na loja do Proprietario, o Professor Holloway, 533, Oxford Street, Londres (antigamente 244, Strand).

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Sem estampilha)

Por anno	2$400 réis
» semestre	1$200 »
Folha avulsa	40 »

PUBLICA-SE ÁS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

Subscreve-se e vende-se no escriptorio da administração, na rua Escura. As assignaturas são pagas adiantadas. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao escriptorio. Correspondencias e publicações de interesse particular são pagas. Annuncios por linha 30 réis, repetidos 20 réis.

(Com estampilha

Por anno	2$940 réis
» semestre	1$470 »
BRAZIL, pelo paq., por anno	6$960 »
semestre	5$480 »

RESPONSAVEL :— **Antonio Vieira C. da Cunha.—Guimarães** —TYPOGRAPHIA DO VIMARANENSE